

## Memória, Identidade e práticas tradicionais: o patrimônio naval, os sarilhos e a pesca artesanal no município de Laguna - Santa Catarina

Memory, identity and traditional practices: naval heritage, sarilhos and the artisanal fishing in the city of Laguna - Santa Catarina

Ana Luísa Andrade Moreira\* , Margarita Nilda Barretto Angeli\*\*

**Resumo:** Esse artigo abordará os conceitos de memória e identidade, tendo em vista a sua importância para a cultura e a continuação das práticas tradicionais. No nosso caso, apresentaremos as práticas tradicionais da cidade de Laguna, localizada no estado de Santa Catarina. O município de Laguna é o segundo mais antigo do estado e tem atualmente como principais atividades econômicas a pesca e o turismo. Laguna possui uma relação importante com as águas que a cercam, principalmente com a Lagoa Santo Antônio dos Anjos, integrante do Complexo Lagunar do Sul do estado. Foi através da Lagoa que o município atingiu seu pico de desenvolvimento no final do século XIX, através da importância portuária para o sul do país. As embarcações eram os atores principais desse cenário e a interação entre os povos que aqui já habitavam e os imigrantes açorianos deram vida a tipologias de embarcações características dessa região, hoje integrante do Patrimônio Naval tradicional. Muitas dessas embarcações já estão extintas ou em processo de desaparecimento, todavia há hoje um trabalho de recuperação da memória dessa cultura, visto que uma embarcação nos revela histórias de um povo, de uma época e deve ser preservada como bem cultural, tendo em vista que abrange além do Patrimônio Material, o Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível, no que se refere aos conhecimentos dos mestres carpinteiros navais tradicionais.

Palavras-chave: Patrimônio naval. Sarilhos. Memória. Identidade.

**Abstract:** This paper will address the concepts of memory and identity, given their importance for culture and the continuation of traditional practices. In our case, we will present the traditional practices of the city of Laguna, located in the state of Santa Catarina. The city of Laguna is the second more oldest of the state and currently has as main economic activities, fishing and tourism.

Laguna has an important relationship as the waters that surround it, mainly with the Santo Antônio dos Anjos Lagoon, member of the Lagunar Complex of the south of the state. It was through the Lagoon that the city reached its greatest development at the end of the century XIX, due to its port importance to the south of the country. Vessels were the main actors in this scenario and the interaction between the peoples who lived here and the azorean immigrants gave life to the typologies of characteristic vessels of the region, now part of the traditional Naval Heritage. Many this vessels are already extinct or in the disappearance process, but currently has a work of recovering the memory of this culture, because a boat reveals the stories of a people, of a time and must be preserved as cultural good, bearing in mind that it

---

\* Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e mestrado em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa História, cultura e arquitetura da cidade pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: [analuisa\\_andrade@hotmail.com](mailto:analuisa_andrade@hotmail.com)

\*\* Possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio de pós-doutoramento na área de Antropologia, na UFSC. É professora universitária e pesquisadora do CNPq Nível 1C . Atua como professora e orientadora convidada em universidades argentinas (UBA, UNT e UNC). Fundadora do Grupo de Pesquisa CulTuS- Cultura, Turismo e Sociedade, do qual atualmente é vice líder. Membro efetivo da ABA - Associação Brasileira de Antropologia. Membro do conselho editorial de revistas nacionais e internacionais de turismo e cultura. E-mail: [barretto.margarita@gmail.com](mailto:barretto.margarita@gmail.com)

includes, in addition to the Material Heritage, the Intangible and Cultural heritage, insofar as it relates to the knowledge of the traditional naval master carpenters.

Key-words: Naval heritage. Sarilhos. Memory. Identity.

## 1. Introdução

O conhecimento passado de pai para filho é o primeiro registro do saber fazer de uma cultura tradicional, mas não deve ser o único, é preciso registrar e salvaguardar o que faz parte de nossa cultura. São necessárias ações que buscam a salvaguarda, a preservação e sua recuperação, no nosso caso, o da construção naval artesanal, para, desta maneira, alcançar a perpetuação da memória, de técnicas e saberes que, se não tiverem a devida atenção e cuidados o mais rápido possível, desaparecerão por completo.

Muitas dessas embarcações foram perdidas, desmontadas e descaracterizadas, entrando em processo de degradação, por vezes irreversível. Portanto, urge a preservação desta cultura e identidade, pois “o desaparecimento de uma embarcação ou a morte de um mestre significa perda de informações seculares” (FOGAÇA, 2005, p. 107).

Laguna localiza-se no sul do Estado de Santa Catarina, a uma latitude de 28°28'57" Sul e a longitude 48°46'51" Oeste, e altitude de dois metros acima do nível do mar (Figura 01). Sua população estimada no ano de 2017, segundo o IBGE, era de 45.311 habitantes e Densidade Demográfica de 116,77 habitantes/km<sup>2</sup>. Sua economia é baseada na pesca artesanal e industrial, bem como no turismo e no comércio.



**Figura 01** – Localização da cidade de Laguna no território nacional e no Estado de Santa Catarina. Fonte: Acervo próprio (2018)

A cidade está situada na Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão e Complexo Lagunar, que corresponde à Região Hidrográfica Sul Catarinense 9 - RH9 (Figura 2). Formam o Complexo Lagunar do Sul, junto com a Lagoa Santo Antônio dos Anjos, as



principal objetivo a reconstrução da identidade local, interligando as memórias de indivíduos que fazem parte de um mesmo grupo.

Existem três tipos de memória, a individual, a coletiva e a social. A primeira refere-se às experiências próprias do indivíduo, mas contém também aspectos do grupo social onde ele se formou, ou seja, onde foi socializado. Já a memória coletiva, é formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade. Ela normalmente se expressa nos chamados lugares de memória, que podem ser monumentos, quadros, obras literárias, artísticas, objetos físicos que compõem um passado coletivo de uma dada sociedade. A memória social é comum a praticamente todos os indivíduos e grupos sociais pertencentes a uma sociedade.

Sintetizaremos aqui o conceito de memória conforme os postulados de Maurice Halbwachs, juntamente com Michael Pollak, Jacques Le Goff e Pierre Nora.

Maurice Halbwachs (2003) discorre sobre a memória individual e memória coletiva, a segunda em relação à memória histórica, ao tempo, ao espaço e entre os músicos. Para esse autor, a memória individual não é verdadeiramente solitária, ela faz parte sempre de um todo maior, de uma memória coletiva, ainda que se trate de "eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos" (p. 30). Pois ainda que estivéssemos sozinhos, nunca estamos sós, estamos e somos pertencentes a um grupo, assim "nossas lembranças permanecem coletivas e podem ser evocadas por outros" (p. 30). Porém, não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança, é preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam presentes em nosso espírito e no dos outros também.

Nossa memória não se apoia na história apreendida, mas na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2003, p. 79).

É como reconstruir um quebra-cabeça, juntando todas as peças presentes na memória de cada um, para que a história seja entendida por todos, ainda que não estivessem no momento que desejamos rememorar.

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstruir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2003, p. 31).

É preciso deixar claro que memória coletiva não se confunde com história e que a expressão 'memória histórica' não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. Segundo Halbwachs (2003), história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social.

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem (HALBWACHS, 2003, p. 101).

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. O primeiro aspecto é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, pois do passado só retém o que está vivo na consciência do grupo que a mantém, enquanto na história temos a impressão que tudo se renova de tempos em tempos.

Tudo que aprendo de novo sobre meu pai, e também sobre os que mantiveram relações com ele, todas as novas opiniões que tenho sobre a época em que ele viveu, todas as reflexões novas que me vêm à cabeça, à medida que me torno mais capaz de refletir e disponho mais termos de comparação, me levam a retocar o retrato que tenho dele. É assim que lentamente se degrada o passado, pelo menos tal como antes me parecia. As novas imagens recobrem as antigas (HALBWACHS, 2003, p. 94).

Para Halbwachs (2003, p. 105), “não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que as sociedades esquecem muitos grupos, fatos e personalidades antigas, mas porque os grupos que guardavam suas lembranças desapareceram”. É preciso que a sociedade viva, mesmo que as instituições estejam transformadas e o melhor meio de fazê-lo é fortalecê-la com tudo o que se puder aproveitar de tradições.

Com as constantes transformações, a memória também não pára de se transformar, e o próprio grupo está sempre mudando.

A segunda característica é que a história pretende ser universal, ao passo que existem várias memórias coletivas. Assim, cada memória coletiva tem como suporte um único grupo limitado no tempo e no espaço. No momento que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.

Por fim a história é um resumo dos fatos que ocupam mais lugar na memória dos homens, "o passado imemorial, histórico, é trazido para o presente" (idem, p. 100). Por sua vez, "a memória coletiva é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que de modo geral, lhe é bem inferior" (HALBWACHS, 2003, p. 109).

Para Nora (1993, p. 09) "memória é um absoluto e história só conhece o relativo". Tudo entre elas se opõe, enquanto memória é a vida, feita por grupos vivos, "história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais". Ou seja, a memória é por vezes, ditatorial, reconduzindo eternamente as tradições do passado, e a história separa e seleciona os fatos, pertence a todos e a ninguém, criando uma identidade universal.

Nora afirma então que "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas" (1993, p. 09).

Longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica (NORA, 1993, p. 9).

O autor discorre ainda sobre a importância do registro de memórias, com o intuito de registrar experiências únicas que determinados grupos partilharam, "quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar" (NORA, 1993, p. 12).

A memória existente é então história, "tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história" (NORA, 1993, p. 14).

Le Goff (1990, p. 476) discorre sobre a memória coletiva como sendo não somente uma conquista, e sim também um instrumento e um objeto de poder. "São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir

uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória" (LE GOFF, 1990, p. 476).

Segundo Le Goff (1990, p. 477), "cabe aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica".

Para concluir utilizaremos o conceito de lugares de memória. Segundo Pollak (1992), estes são lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal, mas podem também não ter apoio no tempo cronológico.

A memória é em parte herdada, não se referindo apenas à vida física da pessoa, podemos dizer aqui que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. "A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros" (POLLAK, 1992, p.5).

Pierre Nora também traz a categoria Lugares de Memória, que são lugares, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional. "O que o constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca" e são definidos por um critério, "só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual", ou seja, são espaços onde a ritualização de uma memória história pode ressuscitar a lembrança.

Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; [...] mental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Os lugares de memória são, portanto, espaços criados pelos indivíduos contemporâneos com vontade de memória, e nesses espaços se relembram e reencontram seu pertencimento, princípio da identidade.

Apresentaremos o conceito de identidade da perspectiva da Sociologia. Inicialmente, apresentamos os postulados teóricos de Stuart Hall, que aborda o que chama de identidades culturais como aspectos de nossas identidades que surgem de

nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

O autor entende que as paisagens sociais estão sendo fragmentadas e com isso as identidades pessoais estão se alterando. As sociedades modernas são por definição sociedades de mudanças constantes e esta é a principal diferença com as sociedades tradicionais. Segundo Hall (2004, p. 12), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

Hall (2004) expõe três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada identidade do sujeito do Iluminismo, que traz uma visão individualista do sujeito, um núcleo interior como centro, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, ou seja, o centro essencial do eu, era a identidade de uma pessoa. A segunda concepção, a identidade do sujeito sociológico, reconhece que a formação da identidade se faz na interação entre o eu e a sociedade. Considera que a complexidade da sociedade moderna faz com que o núcleo interior do sujeito seja constituído na relação com outras pessoas, com isso, a essência interior é modificada num diálogo contínuo com o exterior e as identidades culturais que o mundo oferece. Desta forma, o indivíduo é ao mesmo tempo, individual e social, fazendo parte de um todo maior.

A terceira e última concepção, produz a identidade do sujeito pós-moderno, onde o indivíduo não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente em relação às formas como é representado ou interpretado nos e pelos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida por contornos históricos e não biológicos, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, de tal modo que nossas identificações estão sendo sempre deslocadas.

O autor afirma que identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Frente à multiplicidade de sistemas de significação e representação cultural sobre o que é o homem na pós-modernidade, o sujeito se confronta com inúmeras identidades, possíveis de se identificar, ao menos temporariamente.

Para Hall (2004), outro aspecto na questão da identidade é a globalização, visto que a sociedade está em contínua mutação e movimento, fazendo com que

novas identidades surjam continuamente, em um processo de fragmentação do indivíduo moderno. O autor também destaca o caráter de mudança no que chama de modernidade tardia, para se referir ao que alguns sociólogos têm chamado de pós modernidade. Logo, as sociedades modernas têm como característica a mudança constante, rápida e permanente, o que se constitui como principal diferença das sociedades tradicionais.

Assim, a modernidade tardia não se define somente como experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas como uma forma altamente reflexiva de vida, em que as informações promovem uma constante avaliação e transformação das práticas sociais e alteram constitutivamente suas características e, por conseguinte, as identidades em relação. Essa reflexividade particular da modernidade mostra o contraste entre o tradicional e o moderno, ou seja, essa modernidade reflexiva ainda é um processo em andamento, no qual o indivíduo se vê livre para escolher seu destino, ao mesmo tempo em que convive com antigas tradições. Em síntese, para Stuart Hall, identidade, sociedade e cultura não se separam.

A partir de agora sintetizaremos o pensamento de Zygmunt Bauman (2004), que define identidade como autodeterminação. Para o autor, as comunidades - entidades que definem identidades – são de dois tipos, comunidades de vida, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e comunidades de destino, que são as comunidades de ideias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se debate nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Para o autor, o enfoque da identidade nasce da crise de pertencimento, do buraco entre o dever e o ser. Questionar quem você é só faz sentido ao acreditar que possa ser outra coisa além de você mesmo. A identidade não é algo revelado, mas sim algo que se precisa construir. Juntamente com o pertencimento, não tem a solidez de uma rocha, ambas são negociáveis e revogáveis, são as maneiras do indivíduo agir, as suas escolhas e os caminhos que percorre que os determinarão.

“Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular - e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades (...) (BAUMAN, 2003, p. 21).

Segundo Bauman (2004, p. 22), “é de interesse agora, construir identidades individuais e não juntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas.

Há ainda a denominada subclasse, da qual fazem parte pessoas às quais foram negadas, a priori, a opção de escolha de identidade, como por exemplo, mãe solteira, viciado, ex-viciado, sem-teto, mendigo ou membro de qualquer outra categoria arbitrariamente excluída da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis. Na atualidade, vemos surgir uma outra categoria que está encontrando o mesmo destino, que é o caso dos refugiados. O significado da identidade da subclasse é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas (BAUMAN, 2004).

São inúmeros os teóricos e pesquisadores que abordam a questão da identidade em seus trabalhos, portanto procurou-se aqui trazer o olhar de dois autores importantes em suas áreas.

A relação com as embarcações é histórica e atemporal, a tecnologia modificou os modos de fazer, como inerente à globalização, mas a tradição não é esquecida por aqueles que estão nesse meio, pelos que o vivenciaram e pelos estudiosos e curiosos. Todos os processos formadores da identidade local, assim como da cultura, são importantes para compreender quem somos e o momento em que estamos, sem comparações entre melhores e piores.

### **3. Práticas Tradicionais**

Os reflexos das revoluções industriais, tecnológicas e do desenvolvimento do fenômeno da globalização trouxeram consequências marcantes para os ofícios e as práticas tradicionais. Muitos dos trabalhos e técnicas manuais estão se perdendo ou já foram extintas. Podemos citar como exemplo o ofício dos barbeiros, que muito se transformou durante a história ou as baianas e sua produção de acarajés, que precisaram da interferência das instituições oficiais de preservação do patrimônio para que não se perdessem. A construção naval tradicional entra nesse grupo de ofícios e práticas que estão se perdendo ou já se perderam.

Na contemporaneidade, esta história relacionada à construção naval na cidade de Laguna está restrita à memória dos mais antigos, dos historiadores locais, dos

poucos construtores de embarcações tradicionais ainda em atividade e dos modelistas navais.

Com o desenvolvimento tecnológico, também os modos de fazer tradicionais das embarcações estão se perdendo, os mestres construtores são poucos e de idade já avançada. A população desconhece essa tradição e são raros os estudos, documentos e registros desta época que marcou o momento de maior desenvolvimento do município de Laguna.

Quase sempre conhecimentos e práticas como a construção naval tradicional, não são sistematizados e se utilizam da oralidade, das imagens e de formas alternativas de registro para serem difundidos e preservados.

Preocupado com a preservação do patrimônio naval tradicional do país, o IPHAN criou em 2008 o projeto 'Barcos do Brasil', com o objetivo principal de preservar e valorizar as embarcações tradicionais brasileiras.

Associados ao patrimônio naval, registram-se inúmeras manifestações do patrimônio material e imaterial brasileiro. Igrejas, capelas, ranchos, festas profanas e religiosas, costumes, histórias, culinárias, músicas, danças, paisagens e folclore decorrem das tradicionais formas de vida que incluem a pesca e o barco, nos inúmeros ambientes aquáticos do Brasil.

Em Laguna podemos citar, por exemplo, as festas religiosas de Nossa Senhora dos Navegantes e São Pedro, presentes nas localidades do Magalhães, Ponta das Pedras e Farol de Santa Marta, bairros habitados por pescadores e com importante interação com a Lagoa Santo Antônio dos Anjos e o mar.

Segundo o Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina, realizado pelo IPHAN, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes entra em Referências Culturais, categorizada como Celebração.

Destarte, preservar o patrimônio tradicional e a memória dos construtores navais não é uma ação isolada, é preservar um conjunto de patrimônios imateriais e culturais de uma sociedade. No caso de Laguna, toda sua história tem relação com as águas, seja do mar ou da lagoa, relembrar sempre de nossas origens e história é importante para o pertencimento da população e a reafirmação da identidade local.

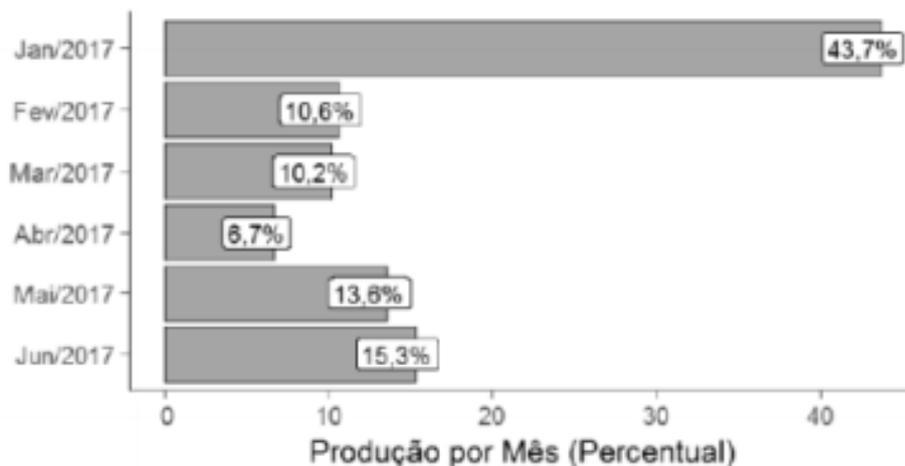
### 3.1 - Pesca artesanal

A pesca artesanal é uma das atividades mais antigas do Brasil, cada região possui suas próprias características, que englobando fatores sociais, econômicos e ambientais, resulta em espaços e tipologias de pesca específicas.

Segundo a EPAGRI (2018) apesar de contar com pouco mais de 1% da área do Brasil, Santa Catarina é o maior produtor nacional de pescados, sendo destaque tanto na área da aquicultura quanto da pesca.

Em Laguna, segundo os dados obtidos pelo PMAP - Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira no Estado de Santa Catarina, no período de janeiro a junho de 2017 a pesca artesanal no município apresentou uma produção de 5.223,5 toneladas. O mês de janeiro foi o mais produtivo, acumulando 43,7% da produção municipal registrada nesse período.

A Figura 03, a seguir, apresenta resultados da produção artesanal, em percentual mensal, em laguna, de janeiro a junho de 2017.



**Figura 03** - Percentual mensal da produção artesanal em laguna, de janeiro a junho de 2017.  
Fonte: PMAP (2017)

Conforme a EPAGRI (2017) dependendo da forma de trabalho, o produtor pode ser classificado como amador (produção para lazer e venda eventual) ou comercial (venda sistemática e regular). Dessa forma, existe um total de 29.831 produtores no Estado, dos quais 26.949 são amadores e apenas 2.882 são comerciais/profissionais.

Define-se como pescador profissional artesanal, aquele que com meios de produção próprios, exerce sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar, ou com auxílio eventual de parceiros, sem vínculo empregatício (BRASIL, 2009).

Em Laguna, segundo informações obtidas na EPAGRI do município, estima-se que existam em torno de 6.000 a 6.500 pescadores artesanais em atividade, esses encontram-se registrados nos órgãos responsáveis (Figura 04). Além destes, é perceptível ainda uma quantidade considerável de pescadores amadores na orla da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, fazendo desse ofício uma forma de lazer.



**Figura 04** - Pesca artesanal em Laguna. Fonte: Ronaldo Amboni. Disponível em: <<http://www.ronaldoamboni.com.br/portfollio-ronaldo-amboni>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

### 3.2 - Sarilhos

Conforme o dicionário, sarilho significa “Máquina manual de madeira e troncos para levar objetos”, na vida real traz consigo muito mais significado e peso na paisagem da cidade e na vida de povos ribeirinhos e pescadores artesanais.

Segundo Diegues (1973, p. 111), “os pescadores artesanais são aqueles que, na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas, trabalha sozinho e/ou utiliza mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos limitados através de técnicas de reduzido rendimento relativo e que destina sua produção, total ou parcial, para o mercado”.

Os sarilhos são para os pescadores artesanais uma extensão da sua garagem de casa ou até parte da casa, nele são armazenadas as embarcações utilizadas para a pesca artesanal e muitos se transformam em pequenos ranchos de pesca, servindo dessa maneira a duas funções primordiais a esse ofício, a pesca propriamente dita e a limpeza do pescado, realizada após a atividade.

Este espaço reproduz o local onde os pescadores costumam guardar e proteger suas embarcações nos momentos de descanso. O sarilho é uma estrutura feita de madeira, dotada de um cilindro horizontal móvel acionado por manivela ou motor, que mantém as embarcações suspensas um metro acima da água quando fora de uso (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2018).

Dizer que existe apenas uma tipologia desse tipo de construção não é verdade (Figura 05), há uma grande variedade delas, para uma embarcação, duas, sem ou com cobertura em uma água, duas águas, com trapiches laterais, centrais, grandes, pequenos, enfim, são inúmeras as possibilidades a se encontrar no litoral, no nosso caso, com destaque para Laguna - SC. Segundo Dalmo Vieira Filho (2018) o IPHAN realizou diversos trabalhos de inventários do patrimônio naval e empreendeu pesquisas por toda a costa e algumas bacias fluviais, no âmbito do projeto Barcos do Brasil. Segundo esses estudos, os sarilhos são emblemáticos das lagoas do sul de Santa Catarina, em especial as Lagoas de Santo Antônio dos Anjos e Imaruí.

Esparadamente, podem existir no Rio Grande do Sul e até na Ilha de Santa Catarina, mas essas ocorrências são pontuais e provavelmente decorrem da presença de lagunenses. Os sarilhos parecem ter origem moura e suas engrenagens toscas, a princípio, serviam para fazer subir a água de poços profundos.

Desse modo, esse tipo de construção não é somente importante no ofício dos pescadores artesanais, mas como parte integrante das margens do município de Laguna, e portanto, formador de uma tipologia única, que merece reconhecimento e estudos mais aprofundados.

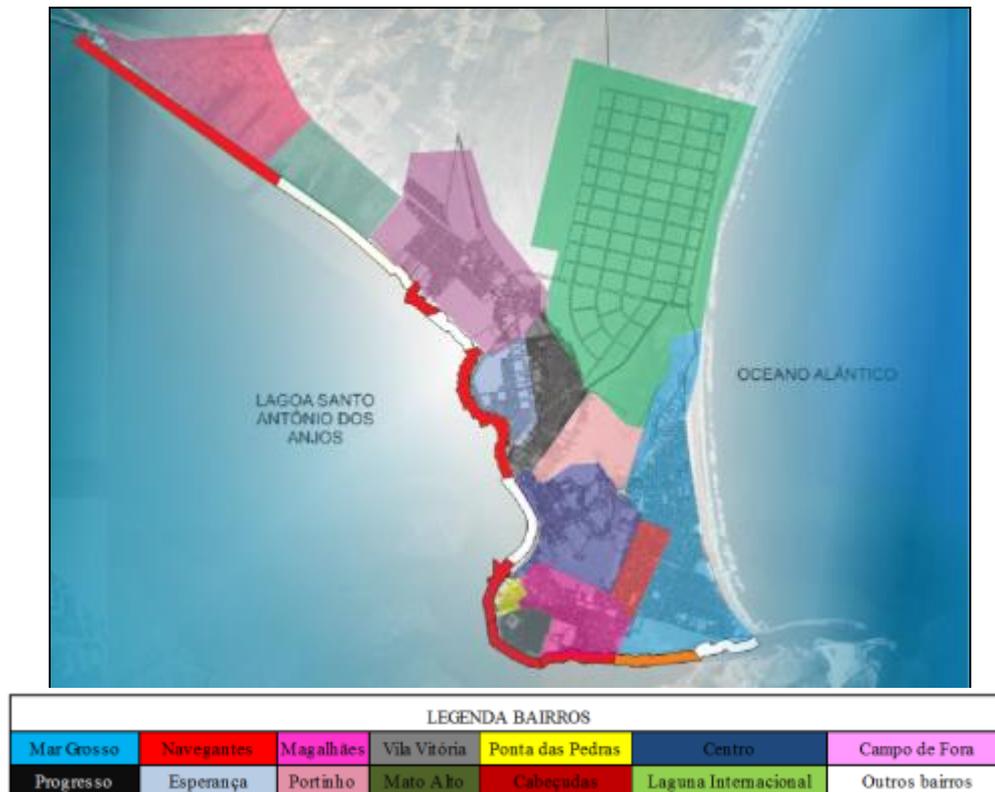


**Figura 05** - Sarilhos na Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Fonte: Acervo próprio (2018)

No que tange à relação da cidade com a Lagoa Santo Antônio dos Anjos, são os sarilhos, a principal “ponte” presente entre o ambiente aquático e o espaço urbano, apresentando distintas configurações espaciais e desempenhos de urbanidade.

Essa interação entre homem e natureza é vista por toda a orla, seja pela pesca ou pelo cenário formado pelos sarilhos, desse modo, é formador também de uma Paisagem Cultural importante para a identidade da cidade. "(...) Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores" (WEISSHEIMER, 2009, p. 13).

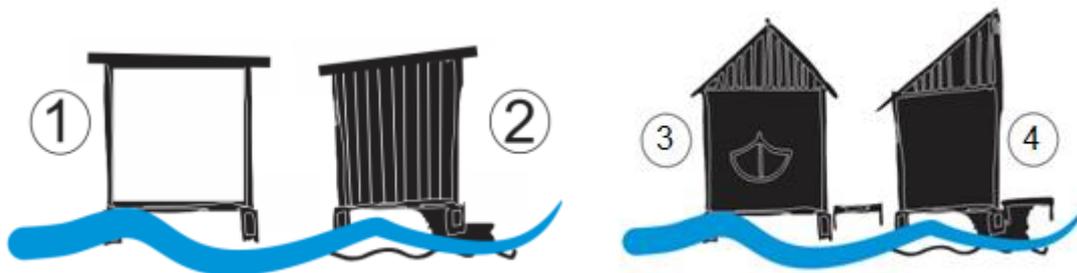
Durante o ano de 2018, foi feito um levantamento fotográfico da orla urbana de Laguna, cerca de 11Km aproximadamente, tendo como objetivo a identificação das áreas com maior e menor ocorrência de sarilhos. A Figura 06 apresenta um mapa com a delimitação dos bairros e orla levantados em Laguna - SC.



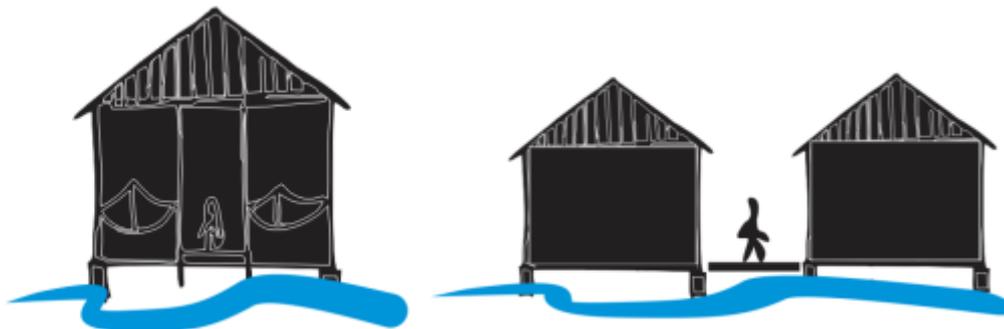
**Figura 06** - Delimitação dos bairros e orla levantada de Laguna - SC.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Laguna. Google Maps. Adaptado pela Autora (2018)

Como resultado confirmou-se a grande quantidade de sarilhos em toda extensão das margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a importância da tipologia para a pesca artesanal no município. Foram poucos os trechos que não apresentavam nenhuma tipologia de sarilhos, no entanto, sempre havia a presença de embarcações, principalmente de pequeno e médio porte, evidenciando dessa maneira, a importância da pesca artesanal para o município, como fonte e/ou complementação de renda e como lazer. No mapa da Figura 6 é possível ver em vermelho as áreas como maior presença de sarilhos, em laranja a quantidade média da tipologia e em branco locais com pouquíssimos ou nenhum exemplar. O contexto formado pelos sarilhos adquiriu um valor cultural, decorrente da história e de fatores econômicos e sociais, presentes no modo de vida, principalmente das comunidades pesqueiras.

Os tipos de sarilhos (Figura 07) se diferenciam principalmente pelo tamanho, pelo tipo de cobertura e pelos anexos que apresentam, como a adição de ranchos de pesca e trapiches. Nesses locais, realizam-se atividades como fazer e arrumar tarrafas, consertar embarcações, consertar o peixe (o mesmo que limpar o peixe), todas atividades ligadas à pesca e por fim, tornam-se lugares de encontro familiares.



Legenda | Sarilhos: 1- Sarilho simples uma água sem vedação e trapiche. 2 - Sarilhos simples uma água com vedação e sem trapiche. 3 - Sarilho simples duas águas com trapiche lateral. 4 - Sarilhos simples uma água com trapiche lateral.



Legenda | Sarilhos: Imagem à Esquerda: Sarilho duplo com duas águas e trapiche central, a localização do trapiche pode variar. Imagem à direita: Conjunto de sarilhos com trapiche central, pequenas vilas de sarilhos.

**Figura 07** - Croquis de alguns dos tipos de sarilhos encontrados na Lagoa Santo Antônio dos Anjos. Fonte: Acervo próprio (2018)

#### Segundo Gonzáles de Castells:

Os trapiches em Laguna são mostra viva do lugar que esses ambientes ocupam na vida do pescador, desde a idealização até a sua construção. São estruturas que podem ser concebidas como ambíguas pela sua localização entre o elemento terra e o elemento água. Estruturas feitas de materiais reciclados que, salvando sua precariedade, respondem a um ordenamento sócio-espacial que define de forma precisa o que é público e o que é privado para o pescador (GONZÁLES DE CASTELLS, 2015, p. 53).

Em alguns momentos, sarilhos, ranchos e trapiches se confundiam em trechos pequenos, como na comunidade de Ponta das Pedras (Figura 08), que forma um cenário único no município. Pelo fato da comunidade estar localizada em um morro e

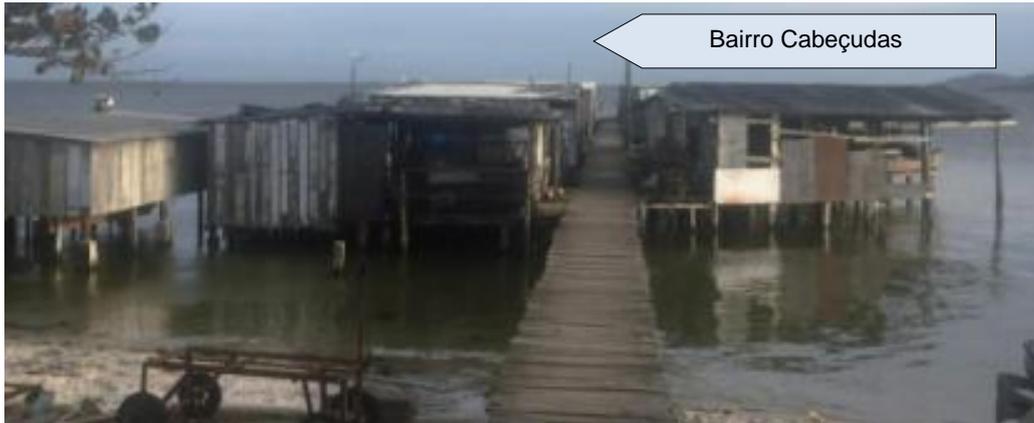
juntamente com os sarilhos às margens da Lagoa, não há outra localidade do município que nos deixe mais encantados com a beleza, até mesmo estética com que são construídos.

Destaca-se ainda o chamado Porto de Pesca artesanal no bairro Portinho (Figura 08), este é outro local de grande beleza natural e formador de mais uma paisagem do município. Com uma extensão maior, apresenta os sarilhos e os ranchos de pesca mais dispersos e longe uns dos outros, um grande trapiche distribui o acesso aos sarilhos.



**Figura 08** - Alguns tipos de sarilhos encontrados na Lagoa Santo Antônio dos Anjos.  
Fonte: Acervo próprio (2018).

Por fim, o Bairro cabeçudas (Figura 09), se destacou pela presença de sarilhos complexos e a grande quantidade deles espalhados pela orla.



**Figura 09** - Alguns tipos de sarilhos encontrados na Lagoa Santo Antônio dos Anjos.  
Fonte: Acervo próprio (2018)

Toda a orla urbana de Laguna, banhada pela Lagoa Santo Antônio dos Anjos, como dito anteriormente, nos proporcionou vislumbrar paisagens incríveis, principalmente pela interação entre o meio ambiente e o homem. Essa relação se revela aos nossos olhos pelo trabalho dos pescadores artesanais, suas ferramentas e construções, principalmente os sarilhos, as embarcações tradicionais e a pesca com o boto.

#### **4. Patrimônio naval**

Ao longo dos primeiros quatro séculos da história do Brasil, o barco foi um elemento fundamental como meio de transporte e subsistência. Eram poucas as estradas que interligavam as cidades do litoral e a pesca artesanal era uma atividade econômica essencial.

O Brasil é o país mais rico em diversidade de barcos tradicionais do mundo. Cada região, cada contexto geográfico, possui um tipo específico de embarcação, adaptada às condições locais de clima, navegabilidade, heranças culturais e dinâmica econômica (VIEIRA FILHO, 2011, p. 08).

Cada pequeno ambiente geográfico e econômico gerou um tipo diferente de barco, adequado às suas necessidades e adaptado às condições locais de mar e vento. Em um litoral do tamanho do nosso país, não é difícil imaginar a grandeza do patrimônio naval existente. Segundo Dalmo Vieira Filho, o patrimônio tradicional naval brasileiro pode ser considerado o maior patrimônio naval tradicional do mundo.

#### 4.1 - Patrimônio naval do Complexo Lagunar - Laguna/SC

O Complexo Lagunar do sul do Estado de Santa Catarina é formado por três lagoas, a Lagoa do Mirim ao Norte, Lagoa do Imaruí e Lagoa Santo Antônio dos Anjos, ao Sul. Este complexo é marcado na história como cenário da Revolução dos Farrapos e a criação da República Juliana.

A Guerra dos Farrapos ocorreu nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e durou uma década (1835-1845), o estopim para a rebelião foram as grandes diferenças de ideias entre dois partidos: os Liberais Exaltados, que apoiavam os republicanos e os Legalistas, que davam apoio aos conservadores. Numa tentativa de expansão da Revolução Farroupilha e na busca por conquistar Laguna como um porto de acesso ao Atlântico, um grupo de farrapos liderados por Davi Canabarro e com o apoio naval de Giuseppe Garibaldi, fundou a República Juliana em Laguna (BACELAR, 20--).

A região Lagunar apresenta três tipos de embarcações características, a primeira é denominada **Canoa de Convés**. Ela foi a responsável por grande parte da integração comercial e social de comunidades vizinhas com a cidade de Laguna, até metade do século XX (Figura 06).

Segundo Pereira Júnior:

Toda a produção agrícola das pequenas propriedades rurais do interior era escoada para ser negociada no cais do mercado público de Laguna. Produtos como farinha de mandioca, frutas, legumes, carne de porco, torresmo, lenha, areia de rio e até paralelepípedos para pavimentação de ruas da cidade de Laguna, faziam parte dos produtos transportados. Nas viagens de volta traziam tecidos, açúcar, ferramentas, produtos manufaturados e fretes em geral (PEREIRA JÚNIOR, 2005, p. 138).

A Canoa de Convés foi muito utilizada por ser, na época, o meio de transporte economicamente mais viável e rápido de interação entre os municípios. Alguns exemplares resistiram até a década de 1970, porém desapareceram por completo, nas décadas posteriores.

Pereira Júnior (2005) cita alguns dos fatos que contribuíram para o desaparecimento total desse tipo de embarcação, entre eles a construção da BR-101 sobre a Lagoa Santo Antônio dos Anjos na localidade de Cabeçadas, a não continuidade dos jovens no ofício, o aparecimento de novos tipos de embarcação de construção mais fácil e o desaparecimento da madeira nativa, peroba e cedro, principalmente.



**Figura 10** - Canoas de convés no cais do Mercado Público, década de 30.  
Fonte: PEREIRA JUNIOR (2005, p. 30).

Laguna possui a Lei n. 1.163 de 25 de agosto de 2006, que institui a Canoa de Convés como símbolo das embarcações tradicionais, típicas das lagoas no complexo lagunar e marco no transporte marítimo.

Outra embarcação de relevância histórica para o complexo Lagunar é a **Baleeira Açoriana** (Figura 11). Como o nome já diz, é destinada à pesca da baleia e tem como característica a leveza e a ótima navegabilidade. Seu comprimento varia de 7 a 11 metros. Sua origem primeira vem dos povos nórdicos, a baleeira apresenta características dos famosos barcos vikings e as primeiras foram construídas originalmente onde hoje é a Noruega, a Suécia e a Dinamarca. Após a conquista da Inglaterra, passaram a ser fabricados também nas ilhas britânicas, Normandia e Bretanha francesa (MUSEU NACIONAL DO MAR, 2014).



**Figura 12** - Baleeira Açoriana. Fonte: GEHLEN (2004)

A baleeira de Santa Catarina é a única embarcação tradicionalmente brasileira relacionada com os barcos nórdicos. Descendente dos barcos ingleses, mais tarde levados para a América do Norte, esses barcos chegavam até o local da caça a bordo dos navios baleeiros norte-americanos, que pescavam nos mares do sul e faziam escalas nas ilhas dos açores.

Os açorianos começaram então, a conviver com essas embarcações, pois muitos dos marinheiros do arquipélago eram contratados para trabalhar na caça das baleias ou porque os barcos acabavam ficando pelas ilhas, como pagamento de serviços e alimentos. Foram assim, aprendendo a reproduzi-las.

Quando migraram para o Brasil e povoaram o litoral catarinense trouxeram o conhecimento de fabricar e usar a baleeira, que se tornou o barco típico de Santa Catarina.

Segundo Câmara (2010, p. 110), "na província de Santa Catarina, onde houve muita pescaria de baleia e fábricas de seu azeite, conservam ainda tipos destas embarcações, mas já sem estas particularidades, são apenas aplicadas ao tráfego da pequena cabotagem".

Em Laguna, essa embarcação é muito utilizada no Farol de Santa Marta. Ainda hoje é possível encontrar alguns exemplares de grande porte em atividade, porém sem a utilização de mastros e velas, empregando como propulsão única o motor a diesel.

A próxima embarcação apresentada e também muito comum no complexo lagunar é a **Canoa Bordada** (Figura 13).



**Figura 13** - Canoa bordada no Complexo Lagunar. Fonte: MESQUITA (2009, p. 229)

A referida canoa é utilizada para realizar a pesca da tainha, no chamado cerco à tainha<sup>1</sup>. Sua origem advém da junção da cultura dos colonizadores açorianos e dos indígenas que aqui já habitavam.

É assim chamada porque nas bordas dos troncos escavados adicionam-se tábuas que aumentam a borda livre, dando maior segurança no momento de romper a arrebentação. As bordas são colocadas em um ângulo aberto para fora da embarcação, servindo como escudo e protegendo o interior do barco das ondas. Seu tamanho é variado, mas gira em torno de 6 a 10 metros de comprimento, podendo ocorrer exemplares um pouco maiores. Estas canoas são pintadas com cores vivas e consideradas embarcações plasticamente muito expressivas.

Resumidamente, a canoa bordada deixou de ser construída por três motivos, o primeiro e principal é o declínio da pesca artesanal. O segundo, porque a madeira está sendo substituída pela fibra de vidro. E por fim, a proibição dos órgãos ambientais em relação à extração da madeira necessária à sua confecção. Com isso, ocorre o sério risco de se perder o “saber fazer” destas embarcações.

Seguindo sobre as embarcações tradicionais do município, apresentamos o **Bote do Sul ou Bote de fundo chato** (Figura 14). Esta embarcação em Santa Catarina se originou em Laguna e se replicou para outras regiões do Estado.



**Figura 14** - Bote do sul, utilizado para travessia de pedestres no Canal da Barra - Laguna/SC  
Fonte: Disponível em: <<http://wilsonsilva.blogspot.com.br>> Acesso em: 10 mai. 2018.

Segundo Pereira Júnior (informação verbal)<sup>2</sup>, os Botes de fundo chato começaram a ser utilizados a priori no Rio Grande do Sul, mais precisamente na

<sup>1</sup> O chamado cerco à tainha nada mais é que a pesca artesanal da tainha, utilizando como ferramenta as redes de arrasto. Esse tipo de pesca acontece nos meses de inverno, principalmente, entre o final do mês de abril e junho.

<sup>2</sup> Informação obtida durante conversas informais com o modelista, em julho de 2018.

Lagoa dos Patos. São embarcações que navegam exclusivamente a motor, mas no Rio Grande do Sul (Lagoa dos Patos) é possível ainda, em casos isolados, a utilização de um pano poveiro<sup>3</sup> como propulsão auxiliar.

Esses botes substituíram em grande parte as antigas Canoas de pranchão<sup>4</sup>. E posteriormente começaram a ser construídas em Laguna, por influência de pescadores que se dirigiam à Lagoa dos patos para pescar camarão. Alguns adquiriram exemplares dessas embarcações e trouxeram para Laguna, onde começaram a ser replicadas pelos mestres locais.

Trata-se de uma embarcação de pequeno a médio porte, com comprimento variando entre 6 e 10m, todavia podem existir embarcações maiores. A quantidade de tripulantes em cada embarcação vai depender do tipo de pesca e do tempo de permanência no mar, porque mesmo essas embarcações sendo de boca aberta, ou seja, sem convés, muitas vezes pescam em mar aberto, acontecendo de ficar mais de um dia inteiro pescando. São confeccionadas em madeira, com tábuas relativamente largas nas laterais, se comparadas com as de uma baleeira. O fundo do casco é quase chato, com uma longa quilha bem definida; o convés é aberto e sem cabine.

A **Canoa de Borda Lisa** (Figura 15), segundo Pereira Junior (informação verbal)<sup>5</sup> é uma embarcação de pequeno porte, com comprimento entre 5,0 e 9,0m ocorrendo exemplares até maiores, a boca varia de acordo com o comprimento e o contorno do tronco a ser utilizado, o pontal (altura máxima do fundo da embarcação à borda), segundo o Mestre Juca do Morro Grande em Laguna, equivale a 60% da boca da embarcação. Confeccionada em madeira – mais precisamente de um único tronco de madeira; “*um pau só*”, como dizem os pescadores locais. Elas foram confeccionadas para serem utilizadas em águas interiores. Essas embarcações podem navegar de três formas, a remo, a motor e ainda, mas raramente, com uma vela de espicha.

---

<sup>3</sup> Pano poveiro é um tipo de vela utilizado por imigrantes portugueses oriundos da Póvoa do Varzim, ao norte de Portugal, que migraram para o Rio Grande e também para o Rio de Janeiro, mas precisamente na região de Cabo Frio, onde também utilizaram a lancha poveira, tipo de embarcação única daquela região de Portugal.

<sup>4</sup> As canoas de pranchão foram embarcações desenvolvidas exclusivamente para a utilização na Lagoa dos Patos e adjacências. Atualmente estão extintas e os últimos exemplares foram cuidadosamente recuperados e estão expostos hoje no Museu Náutico do Rio Grande.

<sup>5</sup> Informação obtida durante conversas informais com o modelista, em julho de 2018.



**Figura 15** - Canoas de borda lisa. Fonte: Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/espacos/museudomar/acervo/14902-14902-sala-das-canoas>. Acesso em: 16 out. 2018

Atualmente novos exemplares dessa embarcação não estão mais sendo construídos, isto devido à dificuldade de se encontrar madeira adequada, às restrições ambientais para retirada de madeira e desaparecimento de mestres capazes de confeccioná-las. Todavia, há algumas exceções, como a família de José Bráulio Fernandes, da localidade de Morro Grande em Laguna, que ainda possuem conhecimento e grande tradição na construção de canoas bordadas e canoas de borda lisa.

A última embarcação apresentada são as **Bateiras** (Figura 16), trata-se de uma embarcação de construção simples, com comprimento variável, entretanto ocorre entre 5,0m e no máximo 8,0m, muito raramente ultrapassam esse comprimento. Possui um fundo chato com médio tosamento (curva do barco). Podem ser de dupla proa ou com painel de popa e uma quilha ao longo de todo o fundo, o número de cavernas varia de acordo com o comprimento e podem navegar de três formas, a remo, a motor e propulsão à vela, raramente.

A boca e o pontal variam de construtor para construtor e da sua destinação. É uma embarcação utilizada por pescadores de menor poder aquisitivo e navegam exclusivamente em águas interiores.



**Figura 16** - Inúmeras bateiras para reparo em Laguna - SC. Fonte: Acervo próprio (2018).

## 5. Conclusões

Segundo Vieira Filho (2011), “o patrimônio naval é um dos mais amplos contextos culturais brasileiros, englobando patrimônio material e imaterial e interagindo com milhares de lugares, paisagens e ecossistemas do extenso litoral, das lagoas e dos rios”.

A valorização dos barcos e as manifestações tradicionais referentes ao universo marítimo, pertencentes a cada espaço geográfico são ações centrais para a preservação desse rico patrimônio cultural, por ora pouco conhecido e divulgado.

As embarcações apresentadas aqui, são as consideradas pelos especialistas, as mais emblemáticas da Lagoa Santo Antônio dos Anjos da Laguna. E que merecem ser divulgadas e preservadas, conforme seja possível nos dias atuais. Muitas já se perderam e seus modelos físicos estão extintos, porém, sua utilização, modos de fazer e história, continuam presentes na memória de alguns, que podem ajudar a contar seus feitos, e assim, conseguirmos preservar o que ainda temos em mãos, por pouco tempo.

## Referências

BACELAR, Jonildo. *A República Juliana na Guerra dos Farrapos - 1839*. Disponível em: <<http://www.santa-catarina.co/historia/republica-juliana.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BAUMAN, Zigmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. BRASIL. *Lei Nº 11.959*, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a política

nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura e da pesca, regula as atividades pesqueiras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm)>. Acesso em: 24 mar. 2019.

FOGAÇA, Edson. Projeto de pesquisa sobre o patrimônio naval brasileiro. In. PEREIRA, Vanessa Maria (Coord.), Seminário do Patrimônio Naval Brasileiro, 1., 2005, *Anais...* São Francisco do Sul: Museu Nacional do Mar, 2005.

CÂMARA JUNIOR, Antônio Alves. *Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil*. 1 reed. São Francisco do Sul: Papel Maça, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos. 1973. 190f. *Pesca e marginalização no litoral paulista*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Centro de Culturas Marítimas, Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1973.

GEHLEN, Joel (Ed.). *Embarcações brasileiras*. Joinville: Letradágua, 2004.

GONZÁLES DE CASTELLS, Alicia Norma. *Educar, documentar e valorizar para preservar*. Pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna. 1 Ed. Ed. do autor, 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª. Ed. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

MACHADO, Gerson (Coord.). *INRC - Anexo 1 Referências Cultural*. Diagnóstico Documental do Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IELUSC - Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus e Faculdade de Turismo, Joinville, 2008.

MESQUITA, João Lara. *Embarcações típicas da costa brasileira*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

MUSEU NACIONAL DO MAR. [Site oficial]. *Acervo*. 15 de abril de 2014. Disponível em: <[www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/index.htm](http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/index.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p.07-28, dez. 1993.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Lauro. Resgate das Embarcações Tradicionais Regionais. In. PEREIRA, Vanessa Maria (Coord.), Seminário do Patrimônio Naval Brasileiro, 1., 2005, *Anais...* São Francisco do Sul: Museus Nacional do Mar, 2005.

PMAP-SC. *Informativo municipal nº 02 (dezembro/2017) – pesca artesanal - município de Laguna*. Dados e resultados, Itajaí: UNIVALI, 2017. Disponível em:<<http://pmap-sc.acad.univali.br>>. Acesso em: 01 mar. 2018..

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 01 mar. 2019.

VIEIRA FILHO, Dalmo *et al*. *Barcos do Brasil*. [Catálogo da Exposição Barcos do Brasil, realizada em Brasília, 31/08 a 18/11/2011]. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP*. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em 23 de agosto de 2016.

WEISSHEIMER, Maria Regina (Org.). *Paisagem Cultural*. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e DEPAN - Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização, 2009.

---

Data de recebimento: 17.10.2018

Data de aceite: 06.03.2019